

Às margens do esquecimento: O percurso histórico da Charqueada

Santa Bárbara

Estefânia Jaékel da Rosa¹

Resumo

A proposta deste artigo é analisar o processo histórico de ocupação do sítio arqueológico “Charqueada Santa Bárbara”, o qual, até o presente momento, foi pouco explorado pelos estudos historiográficos pelotenses. Para isso, será apresentado um breve histórico da propriedade, discutido a partir dos resultados preliminares da pesquisa bibliográfica, documental e oral. Nessa perspectiva, este texto irá abordar a ocupação da charqueada desde a sua formação no final do século XVIII até os dias atuais.

Palavras-chave: Memória; Charqueadas; Arroio Santa Bárbara; Escravidão

Introdução

A charqueada Santa Bárbara consiste em um sítio arqueológico histórico remanescente de um antigo complexo estancieiro-charqueador, localizado nas margens do “braço morto” do arroio Santa Bárbara. Esse sítio é formado por um conjunto de edificações térreas de alvenaria em estilo colonial, que consiste em uma casa de moradia e galpões, dispostos em um terreno de grandes extensões situado na periferia urbana de Pelotas. A eminente historicidade desta propriedade está materializada nos elementos arquitetônicos do prédio, entretanto sua memória estava relegada ao esquecimento, “camuflada” na paisagem contemporânea transformada pelos diversos usos e temporalidades. Ao romper essa “invisibilidade”, os indícios materiais da charqueada Santa Bárbara descortinaram a história de uma ocupação contínua nesse espaço, que iniciou no século XVIII e se estende até os dias atuais. Ao longo desse período, diversos grupos habitaram o local e a propriedade foi explorada para distintas finalidades, dessa forma, observando a ocupação do sítio em uma perspectiva histórica podemos identificar os variados usos desse espaço. Em vista disso, este trabalho pretende discorrer sobre o processo de ocupação da propriedade, abordando a produção charqueadora e as relações escravistas tecidas no século XIX, bem como a transformação desse espaço no século XX por uma família de portugueses que arrendou os terrenos da antiga charqueada. Essa abordagem mescla dados de fontes escritas e orais e

¹ Graduada em História/ UFPEL. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPEL. Bolsista da CAPES. Orientador: Prof. Dr. Lúcio Menezes Ferreira. Estefânia_jaekel@hotmail.com

busca mostrar os diversos agentes que contribuíram para a formação desse sítio arqueológico denominado charqueada Santa Bárbara

A antiga Estância Santa Bárbara foi fundada no início de século XVIII a partir da doação de uma carta de sesmaria. Essa propriedade caracterizava-se por uma estância-charqueada, cuja produção tinha como base a exploração da mão-de-obra escravista. No século XIX a Estância-charqueada ampliou sua produção e continuou em poder da mesma família, passando por sucessivas divisões em partilhas de heranças. Dentre os proprietários desse período destacam-se os charqueadores Manoel Alves de Moraes e seu genro José Vieira Vianna, os quais possuíam um grande número de escravos. Após a morte de Vianna, o declínio financeiro de sua viúva levou à desestruturação desta propriedade ainda no século XIX. Em seguida, o Visconde da Graça, figura de destaque no cenário econômico e político pelotense desse período, comprou os lotes de terras remanescentes dessa estância, deixando-os de herança a sua família, a qual é proprietária até os dias atuais. A família Simões Lopes não teve interesse em reativar a produção de charque e no início do século XX arrendou as terras a uma família de portugueses que iniciava a vida em Pelotas. Os descendentes desses portugueses ainda residem no local e, embora não sendo proprietários legítimos, associam suas memórias e preservam sua identidade nesse espaço no qual se apropriaram como seu *locus* de vivência.

Diante desses dados, este trabalho apresentará um panorama geral da ocupação do sítio Santa Bárbara, no intuito de trazer à tona a diversidade de memórias de um espaço que por muito tempo foi relegado ao esquecimento. Para isso serão apresentados os resultados preliminares do levantamento histórico realizado no âmbito da pesquisa *“Paisagem e cultura material: Arqueologia da escravidão na charqueada Santa Bárbara (Pelotas/RS)”*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPEL, a qual é desenvolvida junto ao projeto *“O Pampa Negro: A Arqueologia da Escravidão na Região Meridional do Rio Grande do Sul (1780-1888)”*, coordenado pelo Prof. Dr. Lúcio Menezes Ferreira.

Ocupação das margens do arroio Santa Barbara

O arroio Santa Barbara é um curso d'água que nasce nas pedreiras do Monte Bonito, na Serra dos Tapes, e deságua no canal São Gonçalo em Pelotas. Assim como os outros arroios que banham o município, o Santa Barbara desempenhou um papel importante na história de Pelotas, pois além de servir como um limite natural para as primeiras sesmarias doadas na região, também funcionava como um acesso fluvial que permitia a navegação de pequenas

embarcações, facilitando o transporte de mercadorias para as propriedades do seu entorno.

O arroio Santa Barbara tem uma posição muito importante na história da cidade de Pelotas, já que o povoamento inicial se estabeleceu, em função das charqueadas, nas várzeas do canal São Gonçalo, do rio Pelotas e nas margens no arroio Santa Barbara pelo vínculo com o transporte hidrográfico. (PETER, 2004, p.5)

Os terrenos que margeiam o arroio Santa Barbara sofreram dois processos diferentes de ocupação a partir do século XVIII. A margem esquerda do arroio compreendia o limite da sesmaria do Monte Bonito, já a margem direita representava o limite da estância Santa Barbara. Os estudos historiográficos realizados sobre as charqueadas pelotenses destacam a importância das divisões de terras da sesmaria do Monte Bonito, pois neste local se estabeleceu a maior concentração de charqueadas da região, bem como o povoado que deu origem ao município de Pelotas. A estância Santa Barbara, por sua vez, não apresenta a mesma representatividade na historiografia pelotense, uma vez que passou por um processo diferenciado de ocupação.

Sesmaria, Estância e Charqueada Santa Bárbara

A região do atual município de Pelotas começou a ser povoada no final do século XVIII. Nesse contexto, em 1790 o charqueador Theodósio Pereira Jacomé fez o pedido de uma carta de sesmaria dos campos situados no “Forte de São Gonçalo”; ele justificou o pedido por ter construído benfeitorias, criar mais de mil e quinhentos animais vacuns para a “charquia” e estava em condições de povoar e cultivar as terras com um empreendimento ainda maior (MONQUELAT & MARCOLLA, 2010). Theodósio Pereira Jacome vendeu suas terras ao Capitão João Antonio Pereira de Lemos, e, em 1817 sua esposa Rosália Maria Angélica recebeu a carta de sesmaria do Marquês de Alegrete (MONQUELAT & MARCOLLA, 2010, p. 4). De acordo com o extrato de medição de terras, anotado no Registro de Prédios e Terrenos do Município de Pelotas², a propriedade de Rosália consistia em “uma sesmaria de terras com uma légua de frente e três de fundos, sita entre os arroios de Moreira e Santa Bárbara com frente a serra dos Tapes e fundos ao Sangradouro da Mirim, rio São Gonçalo.” (RPTMP, 1817, p. 18). Posteriormente, essa sesmaria passou a ser chamada de Estância Santa Bárbara (GUTIERREZ, 2001; MONQUELAT & MARCOLLA, 2010).

² BPP- RPTMP, Arquivo Histórico; BIC 007e, p.18-20.

Rosália Maria Angélica e Antonio Pereira de Lemos tiveram uma filha chamada Rita Leocádia de Moraes Borges, a qual foi casada com Manoel Alves de Moraes³. Provavelmente, após a morte de Antonio de Lemos, Manoel Alves de Moraes passou a auxiliar sua sogra na administração dos bens e tornou-se um dos proprietários da Estância Santa Bárbara, conforme consta no extrato de medição de 1817⁴.

Rita e Manoel tiveram quatro filhas, dentre elas Rosália Alves Vianna casada com José Vieira Vianna. De acordo com o testamento de Rita Leocádia ele faleceu por volta de 1840⁵. Viúva, Rita Leocádia casou-se novamente em 1848 com Zeferino de Carvalho Borges, com o qual viveu até o fim de sua vida⁶. Dessa forma, quando Rita Leocádia morreu em 1851, Zeferino foi seu inventariante, tendo ainda como herdeiros suas filhas, genros e netos⁷. No inventário de Rita Leocádia de Moraes Borges a Estância Santa Bárbara já não apresentava as mesmas dimensões da medição de 1817; neste período, seu genro José Vieira Vianna já possuía uma porção de terras na área situada entre o Canal São Gonçalo e o arroio Santa Bárbara.

A Estância Santa Bárbara era explorada conforme o padrão tipológico das propriedades da época⁸, uma vez que os campos de crias situavam-se ao norte em direção à serra dos Tapes, nas proximidades do Logradouro Público, enquanto o potreiro principal situava-se ao sul, nas áreas ribeirinhas próximas a cidade. Dentro do potreiro principal, Rita Leocádia de Moraes Borges possuía uma propriedade de casas de sobrado com armazéns, cocheiras, pomar e um estabelecimento de charqueada. No campo de crias havia um estabelecimento de olaria com galpões e casas de moradia, localizadas na lomba do arroio Santa Bárbara⁹. Com a partilha da herança de Rita Leocádia, em 1851, a Estância Santa Bárbara deixou de existir, dando lugar a várias propriedades menores administradas pelos herdeiros de Rita Leocádia e Manoel Alves de Moraes.

De acordo com os documentos pesquisados, José Vieira Vianna herdou de seus sogros uma porção de terras no potreiro principal da Estância Santa Bárbara, o qual pertencia também aos co-herdeiros Zeferino de Carvalho Borges e Manoel Marques das Neves Lobo.

³ Testamento de Rita Leocádia de Moraes Borges. N. 1872, M. 86, E. 13. Ano 1851. 1º Cart. Órfãos e Prov. Rio Grande.

⁴ BPP- RPTMP, Arquivo Histórico; BIC 007e, p.18.

⁵ Test. Rita Leocádia de Moraes Borges. N.1872, M.86, E.13, Ano 1851. 1º Cartório de Órfãos e Provedoria de Rio Grande.

⁶ Idem.

⁷ Inv. Rita Leocádia de Moraes Borges. N.334, M.24, E.25, Ano 1851. 1º Cartório de Órfãos e Provedoria de Pelotas.

⁸ Ver GUTIERREZ, 2001; 2004

⁹ Inv. Rita Leocádia de Moraes Borges. N.334, M.24, E.25, Ano 1851. 1º Cartório de Órfãos e Provedoria de Pelotas.

Três anos após a partilha, Vieira Vianna veio a falecer, e em seu inventário, iniciado em 1854, a propriedade apresentava outra configuração:

Um potreiro situado entre esquerda da estrada que segue desta cidade para o passo do Fragata e desdobra entre o Arroio Santa Bárbara ao Rio São Gonçalo, que contem quatrocentos e trinta e seis braças de frente com uma légua de fundos, já de divisa a porção pertencente ao herdeiro Manoel Marques das Neves Lobo, [avaliado] em trinta contos de réis. (...) Um estabelecimento de charqueada com todas as benfeitorias prontas a trabalhar, existente no mesmo potreiro atrás declarado. Uma propriedade de casas de sobrado que serve de moradia à viúva inventariante e conjuntamente com outras pequenas casas próximas do dito sobrado, tudo edificado no referido potreiro.¹⁰

Diante disso, levantamos a hipótese de que, após o inventário, Zeferino Borges vendeu sua parte da herança, e assim, o sobrado, a charqueada e benfeitorias, bem como o restante dos terrenos do potreiro foram incorporados ao patrimônio de José Vieira Vianna. Além disso, é presumível que após a morte de Manoel Alves de Moraes em 1840, a charqueada passou a ser administrada por José Vieira Vianna, marido de sua filha primogênita, uma prática comum na época e recorrente na família¹¹. De acordo com seu testamento, Rita Leocádia e Zeferino estavam morando na Freguesia Santo Armandu Cajueiro, na Bahia. Mesmo assim, antes de falecer Rita nomeou seu marido como “herdeiro universal de todo o remanescente da minha terça (...) a quem se dará com preferência na partilha competente por conta da mesma terça que lhe deixo a charqueada e o potreiro.”¹² Contudo, é provável que Zeferino tenha continuado morando na Bahia e por isso vendeu a propriedade, a qual já estava em poder de José Vieira Vianna.

Além dessas propriedades, José Vieira Vianna possuía outros bens edificados nesse potreiro, os quais, supostamente, já lhes pertenciam antes da partilha da herança de Rita Leocádia:

¹⁰ Idem.

¹¹ Afinal, Manoel Alves de Moraes também foi administrador dos bens de sua sogra Rosália Maria Angélica.

¹² Test. Rita Leocádia de Moraes Borges. N.1872, M.86, E.13, Ano 1851. 1º Cartório de Órfãos e Provedoria de Rio Grande.

Uma pequena casa de paredes de tijolos e coberta de palha que serviu de fábrica de sabão, também edificada no citado potreiro.

Uma outra casa construída de paredes de tijolos e coberta de telha edificada dentro do mencionado potreiro com frente à estrada que desta cidade segue para o passo do Fragata.

Uma outra pequena casa colocada no potreiro que serve de moradia ao capataz.

Um galpão de olaria coberto de palha e forno de cozer tijolos edificado no mesmo potreiro.¹³

Essas informações sugerem que antes de tornar-se proprietário do sobrado e da charqueada, José Vieira Vianna dedicava-se a fabricação de outros produtos como sabão, telhas e tijolos, os quais consistiam em outra fonte de renda, além da parte que lhe cabia na administração da charqueada de sua sogra. Por essa razão, é plausível que as demais casas descritas no inventário também possam ter servido de moradia para Vianna e sua família, bem como aos seus agregados e escravos, em um período anterior à compra do sobrado.

Em 1854, os bens de José Vieira Vianna foram divididos entre os seus herdeiros. Na partilha dos bens, sua esposa Rosália Alves Vianna herdou o potreiro com a charqueada, o sobrado e todas demais casas e benfeitorias. Assim, o estabelecimento de charqueada continuou sob o domínio da família, passando a ser conduzido pela firma “Viúva Vianna & Filho”.¹⁴

José Vieira Vianna era comendador e atuou na câmara legislativa de Pelotas por dois mandatos, entre os anos de 1844 e 1848¹⁵. Além disso, possuía um vasto patrimônio composto por chácaras, terrenos, armazéns e imóveis urbanos. Dessa forma, a herança deixada por Vieira Vianna representava uma grande soma de bens móveis e imóveis. Contudo, poucos anos depois a viúva Vianna faliu e a charqueada foi desativada.

Em 1865, Manoel Marques das Neves Lobo, genro da referida viúva, fez um pedido de medição das terras que ele havia herdado de Rita Leocádia de Moraes Borges. Essas terras faziam divisa com a propriedade da família Vianna e com a morte de Rosália Alves Vianna seu genro quis reaver a parte que lhe cabia. No documento de medição de terras, Manoel Lobo declarou que Rosália Alves Vianna havia morrido em estado de falida, e, portanto, ele estava reclamando a posse das suas terras que estavam nas mãos dos “administradores da massa

¹³ Inv. José Vieira Vianna. N. 382, M. 26. E. 06. Ano 1854. 1º Cartório de Órfãos e Prov. De Pelotas.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Consultado em: <http://www.camarapel.rs.gov.br/historia/legislaturas-da-camara-de-vereadores-de-pelotas>

falida da viúva Vianna e filho”¹⁶. Manoel Marques das Neves Lobo apresentou os autos de testamento e inventário de Rita Leocádia de Moraes Borges, comprovando a legitimidade de suas possessões. Em vista disso, o autor do processo ganhou judicialmente o direito de retomar suas terras.

De acordo com as declarações do documento, a “massa falida” da viúva Vianna estava em estado de abandono, e, por essa razão, o co-herdeiro Manoel Marques das Neves Lobo recorreu à justiça retomando a propriedade das mãos dos administradores. Ao final do processo Manoel Lobo foi favorecido e os terrenos do arroio Santa Bárbara passaram por uma nova medição judicial. Manoel Marques das Neves Lobo conseguiu reaver a propriedade da família; entretanto, seus esforços não tiveram a intenção de reerguer a charqueada. Manoel Lobo era um negociante português radicado no Brasil desde 1844; morador de Rio Grande, possuía um estabelecimento mercantil chamado Lobo & Cia. nesta cidade¹⁷ e, provavelmente, não tinha interesse em dedicar-se à produção de charque. Por essa razão, em 1878 Manoel Lobo tratou de vender os terrenos remanescentes do espólio da família.

Quando João Simões Lopes Filho¹⁸, o visconde da Graça, comprou a propriedade de Manoel Lobo em 20 de abril de 1878, a charqueada não existia mais: restavam apenas as terras, o sobrado e algumas casas que ainda permaneciam edificadas. No inventário do Visconde da Graça consta o registro de oito lotes de terrenos vendidos por Manoel Lobo, todos localizados na área que corresponde à antiga propriedade de Vieira Vianna. Neste período, esses terrenos já estavam divididos por várias ruas da cidade de Pelotas. Dos oito lotes de terrenos arrolados no inventário, pelo menos três apresentavam edificações que integravam a antiga propriedade de Vianna.

Esses lotes de terrenos foram divididos entre os herdeiros do Visconde da Graça, na partilha de sua herança em 1893. A partir desse momento o antigo potreiro de Manoel Alves de Moraes e de José Vieira Vianna prestou-se a novos usos. As terras situadas entre o Canal São Gonçalo, o arroio Pelotas e o arroio Moreira foram incorporados a área urbana de Pelotas; destas, apenas algumas áreas apresentam os resquícios da antiga charqueada de Vieira Vianna.

¹⁶ Medição de Terras. Manoel Marques das Neves Lobo. N.630, M.16ª, E.30, Ano 1865. 1º Cartório Civil e Crime de Pelotas.

¹⁷ Consultado em <http://www.bibliotecariograndense.com.br/historico/index.htm>; e em Portugueses no Brasil, Cartas de naturalização disponível em http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=265059&fview=e

¹⁸ João Simões Lopes Filho foi um homem importante e influente em Pelotas no século XIX. Destacou-se na política ao lado dos republicanos e recebeu os títulos de barão e visconde da Graça, além disso, possuía um vasto patrimônio e dedicava-se ao negócio mais rentável da época, a produção de charque e derivados (GUTIERREZ, 2001; OGNIBENI, 2005).

Esses remanescentes consistem nos terrenos e no prédio que atualmente denominamos de “Charqueada Santa Bárbara”. Essa propriedade, segundo o relato dos moradores do local, pertence aos netos do Visconde da Graça, herdeiros de seu filho Augusto Simões Lopes. Dessa forma, o atual sítio arqueológico Santa Bárbara consiste em um “fragmento” da história da charqueada de José Vieira Vianna. Essa área sofreu grandes impactos desde o final do século XIX com a expansão da malha urbana, as instalações industriais e os empreendimentos imobiliários dessa área. Isso implicou no desaparecimento da maior parte da antiga charqueada; até mesmo a sua sede que, de acordo com os inventários consultados, consistia em um sobrado cercado por pomares, galpões e demais casas de moradia.

A Chácara dos Portugueses

Embora o foco desta pesquisa seja o século XIX, é importante compreender a dinâmica de ocupação do lugar até os dias de hoje, afinal um sítio arqueológico não é um objeto estático, mas sim o produto de usos e práticas contínuas que criam e recriam os contextos estudados. Atualmente, o conjunto de casas remanescentes da antiga charqueada de Vieira Vianna ainda pertence aos herdeiros do Visconde da Graça, contudo, o local é habitado por quatro famílias que alugam a propriedade. Segundo os relatos orais, esses moradores são descendentes dos portugueses que arrendaram a propriedade no início do século XX.

A família portuguesa arrendou a propriedade por volta dos anos 1920¹⁹. Segundo o senhor Hector Marques Queirós, seus avós Constantino Marques e Emília Almeida Marques nasceram em Portugal e vieram morar em Pelotas com seus dois filhos, posteriormente tiveram mais cinco filhos no Brasil, conforme as informações de dona Arlete Vieira e por dona Míriam Barbosa.

“(…) eles eram sete filhos, e dois nasceram em Portugal, os dois mais velhos.” (Arlete Vieira)

“E era assim, o seu Antonio, português, que era o irmão mais velho, (...) a tia Dalila, a tia Preciosa, a dona Alcinda, a dona Glória, o seu Álvaro e o seu Alcides, todos eram irmãos. (...) Todos se criaram aqui. A família dos portugueses todinha se criou aqui. Os bisavós do Cleomar quando vieram de Portugal vieram direto pra cá.” (Míriam Barbosa)

Ao chegar a Pelotas os portugueses alugaram a propriedade da família Simões Lopes e transformaram-na em uma chácara. De acordo com o relato de seu Hector e dona Arlete,

¹⁹ Conforme as descrições dos relatos orais.

Constantino Marques chegou a receber uma proposta de compra das terras, no entanto, devido ao seu desejo de retornar à pátria de origem, preferiu continuar arrendando as terras.

“É exatamente, ele tinha esse interesse, esse pensamento de um dia voltar pra Portugal, então ele não quis comprar. Mas ele ficou morando igual aqui, tanto é que já fazem, eu mesmo to com quase 60 anos, to com 58 e moro aqui ainda.” (Hector Queirós)

A “Chácara dos portugueses”, como ficou conhecida na vizinhança, tinha uma produção diversificada, plantavam legumes, verduras e flores e criavam vários animais, os produtos obtidos da chácara abasteciam uma banca que a família possuía no Mercado Central, e também, eram vendidos aos vizinhos mais próximos.

“(…) naqueles terrenos lá de baixo eles plantavam, eles tinham horta, que na época eles plantavam de tudo, inclusive meu avô tinha banca no mercado, eles plantavam e vendiam lá no Mercado. (...) Plantavam de tudo, tomate, couve, repolho, aqui na entrada do portão tinha um jardim que a minha tia plantava (...) tinha bastante flor, inclusive finados ela vendia flor na porta (...) inclusive aqui também tinha tipo uma leiteria, não sei se tu sabe, tinha uma leiteria, meus avós criavam, tinham vaca, égua, cavalo, esses bichos, enfim, eles também vendiam leite, tiravam leite, e a gente vendia na porta.” (Arlete Vieira)

“Na minha época de menino eles plantavam de tudo, sabe, tinha plantaço de cebola, batata-doce, milho, era tudo muito bonito, a chácara muito bem cuidada, de vez em quando vinham as pessoas aqui e pediam até licença pra olhar.” (Hector Queirós)

Ao longo dos anos, a família de portugueses foi modificando não apenas a paisagem da antiga charqueada, mas a própria casa foi sofrendo modificações para atender as necessidades de seus novos moradores. A parte interna da casa principal foi dividida em quatro casas menores e os anexos, localizados na área dos fundos, foram transformados em duas casas de moradia e em galpões. Por fim, o conjunto de prédios que formavam a sede da charqueada deu origem a seis casas de moradia, todas alugadas pela família Simões Lopes. Segundo o senhor Hector “*Quando os meus avós vieram pra cá, não tinha tantas divisões na casa, isso era um casarão só.*” (Hector Queirós). A senhora Arlete corrobora dizendo que “*(...) tinham portas, tinha comunicação né, como até hoje tem só que foram fechadas né. Ficava assim porque na época iam casando e a gente dividia, aí se tornava cada casa uma família.*” (Arlete Vieira)

Aos poucos a Charquada Santa Barbara foi ganhando novos contornos. A antiga área de produção de charque foi arada para a plantação de gêneros alimentícios. Os galpões e a

suposta senzala abrigaram novas moradias e dispensas para reserva de suprimentos. Os pátios no entorno da casa receberam jardins, pomares e estábulos de animais. A casa foi ampliada e subdividida em quatro casas menores, assim como pátio interno.

A transformação desta paisagem nos foi descrita a partir dos fragmentos das memórias de seu Gilberto Pedra, seu Hector Queirós, sua irmã Arlete Vieira e do casal Miriam Barbosa e Cleomar Marques. As narrativas destes moradores nos permitiram vislumbrar o processo de (re) construção dos terrenos da antiga charqueada e compreender o processo de formação do registro arqueológico do sítio Santa Barbara. Além disso, as histórias de vida dessas famílias descortinaram outro momento histórico desta propriedade, testemunhando a continuidade temporal de um espaço que foi re-apropriado por um novo grupo, o qual compartilha um conjunto de memórias e uma identidade comum, de pertencimento a este espaço.

Considerações finais

Inferir sobre uma ocupação intensiva que se prolonga por mais de um século não é uma tarefa fácil, principalmente no caso em questão onde alguns aspectos ainda são muito nebulosos e outros escapam às lembranças devido à distância temporal. Contudo, esta pesquisa está apenas iniciando e espera-se que o estudo arqueológico que será realizado preencha essas lacunas, trazendo à luz novos elementos para pensar as relações sociais, as manifestações culturais e os aspectos mais ínfimos do cotidiano da antiga charqueada do arroio Santa Bárbara.

REFERÊNCIAS

AL-ALAM, C. C. A Negra Força da Princesa: Polícia, Pena de Morte e Correção em Pelotas (1830-1857). São Leopoldo: UNISINOS, 2007. (Dissertação de Mestrado).

ARRIADA, E. Pelotas: Gênese e Desenvolvimento Urbano (1780-1835). Pelotas: Editora Armazém Literário, 1994.

GUTIERREZ, Éster J. B. Negros, Charqueadas e Olarias. Um estudo sobre o espaço pelotense. 2 ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001.

_____. Pelotas: palco da manufatura escravista das carnes na fronteira meridional do Brasil. Monografia de Especialização. Curso Internacional de Especialização: Gestão do patrimônio cultural integrado ao planejamento urbano da América Latina, UFPEL. Pelotas, 2004.

MAESTRI, Mário. O Escravo Africano no Rio Grande do Sul. In: RS: Economia e Sociedade. Porto

Alegre: Mercado Aberto, 1979.

_____. O Escravo Gaúcho: Resistência e Trabalho. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.

_____. História e Historiografia do Trabalhador Escravizado no RS: 1819-2006. In: Lechini, G. Los estudios afroamericanos y africanos en América Latina : herencia, presencia y visiones del outro. 1ª ed. - Buenos Aires : Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2008, p. 53-88.

MAGALHÃES, Mário. O. Oportunidade e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: Um Estudo sobre a História de Pelotas (1860-1890). Pelotas: EDUFPEL/Livraria Mundial, 1993.

MONQUELAT & MARCOLLA, **Sesmaria do Forte de São Gonçalo – Depois, denominada de Santa Bárbara**, In: http://povoamentopelotas.blogspot.com/2010_06_01_archive.html, 22 de junho de 2010.

OGNIBENI, Denise. Charqueadas Pelotenses no Século XIX: Cotidiano, Estabilidade e Movimento – Porto Alegre: PUC, 2005. (Tese de Doutorado)

PESSI, Bruno Stelmach. O Impacto do fim do Tráfico na Escravidão das Charqueadas Pelotenses (C. 1846 – C. 1874). Porto Alegre: UFRGS, 2008.. (Trabalho de conclusão do Curso de História)

PETER, G.D. Santa Bárbara: O braço morto do arroio que ainda vive na memória. 2004. 32f. (Monografia). UFRGS-Curso de Especialização em Conservação de Patrimônio em Centros Urbanos, 2004

ENTREVISTAS

PEDRA, Gilberto dos Santos. **Entrevista** concedida a ROSA, Estefânia Jaékel e FERREIRA, Lucio Menezes, Pelotas, 14 de dez., 2010.

VIEIRA, Arlete Queirós. **Entrevista** concedida a ROSA, Estefânia Jaékel, Pelotas, 16 de dez., 2010.

BARBOSA, Mírian Cristina Pires & MARQUES, Cleomar. **Entrevista** concedida a ROSA, Estefânia Jaékel, Pelotas, 17 de dez., 2010.

QUEIRÓS, Hector Marques. **Entrevista** concedida a ROSA, Estefânia Jaékel, Pelotas, 17 de dez., 2010.